
**BIBLIOTERAPEUTIZAR: POR UMA ESTRATÉGIA TERAPÊUTICA DE
LEITURA**

Library therapy: towards a therapeutic reading strategy

**Claudia Regina Villa¹
Elizabete Serafim de Melo²
Patrícia Kátia da Costa Pina³**

“Biblioterapia é um método facilitador do desenvolvimento pessoal e da resolução de problemas através dos livros” (Phersson e McMillen, 2006)

RESUMO: Muitos professores notaram sintomas de ansiedade em alguns alunos nas aulas presenciais logo após o início pós-pandemia e o advento da variante Ômicron, de modo que o presente trabalho busca apresentar estratégias para a utilização da biblioterapia no auxílio destes adolescentes que estão sofrendo com distrações, medos, nervosismo, falta de atenção e concentração. Desta forma, como preparar o leitor iniciante para que de fato a biblioterapia possa ser efetivamente aproveitada? Objetivamos inserir o aluno no universo da literatura, apresentando diversos gêneros literários, principalmente na biblioteca, onde os bibliotecários poderão auxiliar os professores nesta tarefa, e na realização de oficinas de leitura, e de utilização da semiótica, com esquetes e teatros, de onde teremos a percepção destes alunos em qual literatura mais os agrada e encanta, e a partir daí, selecionar textos mais dirigidos, que atingirão mais rapidamente, pela utilização da biblioterapia, a pacificação, a catarse e o alívio dos sintomas apresentados. A metodologia é a bibliográfica, com análise de conceitos de teóricos de diversas áreas e tendo como corpus literário o livro **Malala: a menina que queria ir para a escola**, de Adriana Carranca.

Palavras chave: Biblioterapia. Adolescentes. Estratégias de leitura. Semiótica.

ABSTRACT: Many teachers noticed symptoms of anxiety in some students in the classroom soon after the beginning of the post-pandemic and the coming of the Ômicron variant, so that, this paper seeks to present strategies for the use of bibliotherapy to help these teenagers who are suffering from distractions, fears, nervousness, lack of attention and concentration. Thus, how to prepare the beginner reader so that bibliotherapy can actually be used effectively? We wish to insert the student in the universe of literature, presenting several literary genres, mainly in the library, where librarians can help teachers in this task, and in reading workshops, and in the use of semiotics, with sketches and theaters, where we will have the perception of these students about what literature did they like the most, and from there, select more targeted texts, which will reach more quickly, through the use of bibliotherapy, pacification, catharsis and relief of the presented symptoms. The methodology is bibliographical, with analysis of concepts from theorists from different areas and having as literary corpus the book **Malala: the girl who wanted to go to school**, by Adriana Carranca.

Keywords: Bibliotherapy. Teenagers. Reading strategies. Semiotics.

INTRODUÇÃO

O presente estudo versa sobre as estratégias biblioterápicas, objetivando atingir terapeuticamente alunos em sala de aula para fins de melhorias em transtornos gerados pela ansiedade.

Por muito tempo as práticas biblioterápicas estiveram em outros âmbitos, e na sala de aula onde tudo acontece, ainda não ocorre de maneira efetiva e assertiva, as tais práticas terapêuticas que proporcionem bem-estar a esses sujeitos. E, nesse sentido, pensar em meios eficazes para o fazer biblioterápico é imprescindível, visto que a ferramenta utilizada serão textos, e para que haja um melhor engajamento e identificação com a leitura, que proporcione um alívio, requer estratégias semióticas bem estruturadas. Para tal, entende-se que os benefícios serão enormes, pois essas vivências proporcionarão o desenvolver de outras habilidades que os ajudarão não somente na questão da ansiedade, como na aprendizagem.

E nessa perspectiva, se a biblioterapia faz bem, não se pode deixá-la à margem do fazer educacional, uma vez que ela é empregada com efeitos positivos em outros âmbitos como: hospitais, presídios, consultórios psicológicos, etc. onde essas práticas biblioterápicas são mais recorrentes, e essa atividade benfazeja deve ser uma realidade notória e necessária também nas escolas. Desta forma como resolver problemas de ansiedade com a biblioterapeutização em sala da aula? Assim, este trabalho adota estratégias inovadoras e criativas para que se obtenha o efeito esperado. Deve-se primeiro trazer esse aluno para perto e inseri-lo nesse universo, e conseqüentemente poder-se-á proporcionar melhorias em seu socioemocional, possibilitando além do despertar para e pela leitura, esse iniciar-se-á o mergulho na biblioterapeutização, objetivando alívio em seu emocional, e antes de tudo, um apreço pela leitura, que oportunizará esse bálsamo em suas emoções, através de coletas, e análises prévias de aptidões literárias.

Assim sendo, realizar uma investigação prévia a respeito dos gostos literários, é uma tática bastante eficaz, visto que esse aluno necessita em um primeiro momento de identificar-se com o instrumento a ser adotado no desenvolvimento desse fazer biblioterápico, sem a qual, poder-se-á encontrar barreiras para que de fato seja efetivamente realizado, atendendo aos objetivos esperados. Desse modo, ancorados em outras investigações acerca dessa temática, aportando teoricamente essa, contribuirá significativamente para melhorias nos transtornos das ansiedades, e desenvolver-se-á a capacidade leitora dos alunos de forma terapêutica.

Desse modo, a metodologia adotada nesse processo é a revisão bibliográfica, através das análises conceituais de: Iser (1999), e os efeitos curativos da biblioterapia, Caldin (2001) e

a função terapêutica, de Ouaknin (1996), defensor do falar e expressar-se para melhorar, das impressões de Ratton (1975), e seus benefícios, de Melo (2021) e a criatividade com estratégia, por Ribeiro (2020) e o potencial da leitura, da transformação do sujeito através da leitura, segundo Valência (2015), pela orientação das escolhas textuais pautadas no repertório do aluno de acordo com Cosson (2014), como também a promoção da aprendizagem significativa, que foi definida por Santos (2013), a identificação do outro por Ornellas e Alencar (2015), a semiótica com Nöth (2003), as habilidades da BNCC (2018) comparadas com as etapas de Santos (2013) sobre aprendizagem significativa, e com o corpus literário na obra de Carranca (2015), sobre a menina paquistanesa Malala.

Com o intuito de se descobrir uma forma estratégica, eficaz e criativa para a problemática aqui apresentada, onde essas poderão propiciar identificação, divertimento e refrigério aos alunos com problemas relacionados a ansiedade, impactando positiva e significativamente em suas vidas, através desse corpus literário: Malala, a menina que queria ir à escola, apresentou o laboratório ideal para essa investigação, uma vez que foi dele que se conseguiu estratégias criativas de trazer o aluno para o universo da leituras, como também os aportes teóricos que embasaram esse estudo.

1. BIBLIOTERAPIA PARA ADOLESCENTES

Na adolescência é comum que aconteçam períodos de rebeldia, inconformismo e outras situações hormonais normais para esta fase da vida, o que se tem observado, principalmente por parte dos professores, neste início de calmaria, mas ainda com preocupações acerca da variante Ômicron, é o alto índice de alunos se queixando de dispersão e falta de concentração. Alguns alunos não sabem expressar exatamente o que sentem, entretanto, ao conversar com as psicopedagogas, o diagnóstico é claro: tem-se a presença da ansiedade.

De acordo com Ferreira (2012, p.48), a ansiedade é um “estado emocional angustiante acompanhado de alterações somáticas (cardíacas, respiratórias, etc.) e em que se preveem situações desagradáveis, reais ou não”. Alguns sintomas são muito característicos e, parafraseando Augusto Cury (2020, p.1, são: “Dificuldade para prestar atenção na aula, preocupação em excesso, desconforto intenso em situações sociais, inquietação emocional, ações repetitivas e pensamentos intrusivos”. Devendo-se ficar atento a estes sinais quando observados nos alunos.

Ainda segundo Cury (2020, p.1) “os pais devem oferecer um diálogo com seus filhos, alimentação e exercícios e ajuda profissional”, já no ambiente escolar, a utilização da biblioterapia, pode ter efeitos benéficos na saúde mental destes adolescentes, oportunizando melhorias acentuadas em seu estado emocional. Nesse sentido, alguns benefícios são esperados quando da aplicação da biblioterapia em sala de aula, o site *A Mente Maravilhosa* (2018, p.1) definiu algumas vantagens, cujas mesmas são: “distração curativa, desdramatizar, felicidade, empatia, e tratamento para depressão e ansiedade”.

Assim o drama deixa de existir quando o sujeito desacelera e busca a suavização de algo que o incomoda ancorando-se em um ponto de apoio, nesse caso as práticas estratégicas de leitura, que por sua vez culminarão na busca da felicidade através da empatia e identificação com o texto. Com a utilização da literatura, de acordo com Rodrigues (2016, p.1), que expressa categoricamente: “Cuando conocemos los bienes que nos proporciona, no podemos dejar de practicarla”.

Em uma atividade em que se requeira o ato de ler e debruçar-se sobre ela, não é uma tarefa muito fácil de ser executada com parte dos alunos com os quais lida-se hoje, uma vez que esses, ainda não adquiriram o gosto pela leitura. Assim, para adentrar ao universo biblioterápico, necessita-se e muito, de estratégias criativas, para que essas sejam eficazmente abordadas dentro de uma sala de aula e produzam de fato os efeitos esperados através das estratégias de leitura.

Nesse sentido Iser (1999, v. 1, p.85) diz que: “a ideia de que os textos literários mudam, em um sentido terapêutico, o estado psíquico do leitor que pode assim descobrir o verdadeiro significado, já é algo tanto trivial”, a relevância textual, previamente estabelecida para o fim que se destina, só vem reafirmar o que muitos estudiosos das áreas da psicologia, das linguagens etc. defendem: que os efeitos benéficos e curativos da biblioterapia são notórios e proporcionam de fato, bem-estar. Reitera-se que a cura, nesse caso, dar-se-á no sentido de melhorias acentuadas e terapêuticas, pois esse sujeito, ao se expor no cotidiano das aulas de práticas biblioterápicas, tem grande chance de se beneficiar desse alívio que a biblioterapia pode oferecer.

Para colaborar assertivamente com esse aluno com inquietudes diversas, temos Caldin (2001, p. 32), que preconiza:

A função terapêutica da leitura admite a possibilidade de a literatura proporcionar a pacificação das emoções. Remontando a Aristóteles, observa-se que o filósofo analisa a liberação da emoção resultante da tragédia – a catarse. O ato de excitação das emoções de piedade e medo proporcionaria alívio prazeroso. A leitura do texto literário, portanto, opera no leitor e no ouvinte o efeito de placidez, e a literatura possui a virtude de ser sedativa e curativa.

E nessa perspectiva, apesar do termo CURA estabelecer algo definitivo de mudança de um estado para outro, a terapia curativa pode ser atribuída, mesmo que momentaneamente, ou enquanto durarem os processos de biblioterapeutização. Nesse tempo, o sujeito poderá obter mudanças significativas, como acentuadas restaurações em sua qualidade de vida socioemocional, pacificando-a, desde que a placidez de fato ocorra, permitindo que a serenidade possa vir à tona.

Nesse sentido, Ouaknin (1996, p.14) também defende que: “Curar alguém é fazer falar e observar todos os obstáculos a essa palavra no corpo. A palavra é o sopro da vida do homem”. Quantas e quantas pessoas conseguiram mudar um pensamento, uma atitude, e até mesmo um ato de suicídio por causa de uma palavra? A palavra dita ao seu tempo, adequada ao momento, pode desencadear “gatilhos”, seja para o bem ou para o mal. Aqui também se pode observar as concepções de Ratton, que citou 14 benefícios na utilização da biblioterapia e destacamos alguns que realmente se sobressaem, Ratton (1975, p.201-202):

A possibilidade de conhecer e sentir experiências em segurança, aumento da autoestima e conseqüente diminuição da timidez, desenvolvimento de atitudes sociais desejáveis e escolha de valores, estímulo para a criatividade, e desenvolvimento da capacidade de crítica.

Para que se atinja com eficácia e eficiência este adolescente, é preciso que todas as ações elencadas nesse trabalho, estejam efetivamente bem estruturadas dentro dos objetivos, e que viabilizem todos os processos que poderão chegar à catarse curativa, e nesse sentido o professor/bibliotecário devem estar atentos aos efeitos que se espera, como a diminuição de um determinado fator emocional, onde esse por sua vez, afete-o positivamente ou promova limitações a esse discente, como também podem desenvolver outros, ou seja, os resultados esperados mal conduzidos, podem ocasionar efeitos contrários, e por sua vez até desencadear situações de piora. Percebe-se então o quão relevante é pensar criteriosamente na biblioterapeutização, de modo a efetivar a restauração do socioemocional.

Outro fator muito importante a ser observado nesse ínterim biblioterápico, é a estratégia do fazer criativo, de outra maneira, não se terá êxito ao expor o aluno nessa, caso ele tenha

aversão aquele tipo de leitura, assim, a criatividade aparece como impulso e/ou estímulos para tal, Melo (2021, p.25), enfatiza que:

Assim como um profissional da psicologia está para a educação, um profissional que articule criativamente entre as áreas do conhecimento se faz necessário. Não que ele venha a tomar as “rédeas” da criatividade do outro, mas ser um orientador criativo, um instigador e/ou em casos mais extremos, realizar atividades que não foram realizadas a contento, afinal, ao fazer criativo ele se reinventa, a cada página, não sendo estanque em si mesmo, pois o poder que a criatividade exerce na aprendizagem, é infinito.

O ato criativo da biblioterapeutização leva o indivíduo a internalizar sua aprendizagem, como aprimorar o que esse já sabe, e conseqüentemente despertar o interesse pelo que está sendo proposto para ele. Antes de iniciar-se o processo biblioterápico, ao instigar o aluno a realizar leituras, espera-se atingir os sintomas da ansiedade com precisão e abrir caminho para outros benefícios que por sua vez, Ribeiro (2020, p.28), aponta que:

A leitura tem potencial de contribuir para a construção do conhecimento do leitor, além de dialogar com seus sentimentos e com a maneira como enxerga o mundo. A medida em que esse potencial se realiza ao longo da vida, o leitor vai se desenvolvendo enquanto indivíduo e enquanto cidadão.

O diálogo que a leitura estabelece como o indivíduo não acontece como um passe de mágica, é preciso que o aluno se reconheça ou que seus problemas façam sentido e se equiparem com a leitura em que este está sendo envolvido, e esse envolvimento proporcionará melhorias em seu estado emocional, como também despertar outros interesses e habilidades de leitura. Assim sendo, a construção do conhecimento pode ser desenvolvida por este aluno que protagonizará esse processo, levando-o a compreender de maneira assertiva o objeto do conhecimento almejado pelo professor/bibliotecário. Essa progressão é primordial, e Valência (2015, p.17), só vem confirmar que:

A leitura é uma atividade que não tem contraindicações, recomendada para qualquer pessoa. O hábito da leitura transforma o indivíduo em uma verdadeira fonte de informações, além de facilitar a descoberta de um mundo, cuja interpretação favorece o seu desenvolvimento integral.

Para que a leitura seja totalmente aproveitada, se faz necessário ter em mente que a escolha de textos deve ser a princípio, orientada, e essa nasce desde as prévias escolhas baseadas nas coletas, que deve ser analisada com afinco, ensejando com isso alcançar o propósito

predefinido. Ademais, Cosson (2014, p.48), declara que se deve escolher o texto, “partindo do desconhecido para o conhecido, do simples para o complexo, do semelhante para o diferente, com o objetivo de ampliar e consolidar o repertório cultural do aluno”. Por outro lado, o leitor iniciante será amparado e direcionado, que resultarão inegavelmente em benesses, e consoante ao já dito por Cosson (2014, p.48), sugere a utilização de oficinas, onde “se faz presente na alternância entre as atividades de leitura e escrita, (...), onde se projetam as atividades lúdicas ou associadas à criatividade verbal que unem as sequências”.

A realização de uma oficina de biblioterapeutização, conduzida por uma pessoa específica e preparada para tal, teria um efeito mais acentuado, devido a estes fatores: correria dos professores no dia a dia das aulas, falta de tempo para a preparação, e uma pessoa diferente adentrando esse contexto, obviamente os educandos aceitariam de uma melhor forma, quebrando logo de início as resistências, bem como visitar e aprender a manusear os livros da biblioteca, também é um exercício interessante a ser aplicado aos alunos, pois como Cosson (2014, p. 53) declara:

No caso dos professores/bibliotecários (...), a visita à biblioteca serviu para que eles localizassem os livros onde aqueles contos e poemas estavam inseridos. Isto possibilitou que compreendessem que os sentidos dos textos não são dados apenas pelas palavras escritas, mas também pelo modo como são organizados. Além do mais, a inserção do texto dentro do seu contexto determinou que a leitura feita depois fosse enriquecida com esses elementos extratextuais, ganhando, assim, uma perspectiva mais abrangente.

Alunos que passam por este tipo de interação, sala-de-aula-biblioteca, e que foram instruídos e/ou auxiliados na busca de textos de seu interesse, ficam mais motivados, e interessados em partir para leituras mais desafiadoras, uma vez que nesse momento o despertar aconteceu, o interesse aflorou, é o momento propício para apresentar outras leituras, seguindo os mesmos parâmetros.

Têm-se exemplos de alunos que começaram a ler os quadrinhos de Ziraldo (2020), por exemplo, estimulados pela bibliotecária a lerem com calma, degustando os quadrinhos, e que por sua vez passaram para o Diário de um Banana, (*best seller* infanto-juvenil misto de texto e quadrinhos), e atualmente já estão lendo a saga Harry Potter, (que é somente texto). Ao buscarem nas estantes por novos títulos, eles sempre encontram algo melhor, mais intrigante e diferente. Tanto Ziraldo, quanto Jeff Kinney (2008), falam do cotidiano das crianças, suas alegrias, suas tristezas, suas brincadeiras e suas travessuras, gerando uma identificação instantânea com o leitor. Já Rowling (2000), consegue encantar o leitor que está amadurecendo,

com magia, mitos, lendas e fantasia, estimulando a mente a criar personagens fictícios na cabeça, levando a imaginação para um outro patamar. É neste momento que a biblioterapia promove também a aprendizagem significativa, que foi definida por Santos (2013, p.73), em sete etapas, e as cinco primeiras são:

- 1- Dar sentido ao conteúdo: toda aprendizagem parte de um significado contextual e emocional.
- 2- Especificar: após contextualizar, o educando precisa ser levado a perceber as características específicas do que está sendo estudado.
- 3- Compreender: é quando se dá a construção do conceito, que garante a possibilidade de utilização do conhecimento em diversos contextos.
- 4- Definir: significa esclarecer um conceito. O aluno deve definir com suas palavras, de forma que o conceito lhe seja claro.
- 5- Argumentar: após definir, o aluno precisa relacionar logicamente vários conceitos e isso ocorre por meio do texto falado, escrito, verbal e não verbal.

Tais etapas (essas como as demais aqui apresentadas) demonstram um certo alinhamento com as habilidades preconizadas pela BNCC (Base Nacional Comum Curricular), essas por sua vez, determinam que as abordagens dentro da sala de aula, e, principalmente nos atos de avaliar, requerem que se faça sentido para o aluno, como a etapa 1, dar sentido, se o estudante não encontra sentido para tal, de cara ele se recusará a fazer parte desse processo.

Observa-se nessa habilidade da BNCC (2018), “Perceber diálogos em textos narrativos, observando o efeito de sentido de verbos de enunciação e, se for o caso, o uso de variedades linguísticas no discurso direto”. Dessa forma, para que o aluno atribua sentido, ele precisa ter desenvolvido a habilidade de perceber, etapa 2, e em percebendo, os *insights* surgirão, estabelecendo uma estreita conexão entre leitura e leitor. Desse modo, para adentrar na etapa 3, de compreensão, requer que as habilidades 26 e 27 da BNCC estejam em pleno desenvolvimento:

Ler e compreender, com certa autonomia, narrativas ficcionais que apresentem cenários e personagens, observando os elementos da estrutura narrativa: enredo, tempo, espaço, personagens, narrador e a construção do discurso indireto e discurso direto. (BNCC, 2018).

Em relação às etapas 4 e 5, que preconizam definir o argumentar, pode ser perfeitamente atrelada ao uso da semiótica, onde diferentes possibilidades textuais poderão lhes ser apresentadas, instigando-o a lançar-se na leitura de forma prazerosa e divertida. Observa-se que todo esse processo deverá ser ancorado em estratégias bem definidas.

Assim, conforme o dito anteriormente em relação ao fazer sentido, apesar de que os alunos possam não compreenderem a respeito dos enfoques apresentados durante as aulas, muitos o fazem nas atividades propostas por obrigação. Certa vez ouviu-se um aluno dizer para seu colega: “- Cara, faz! Não precisa encontrar sentido, se preocupe com a nota”. Este comentário é chocante, pois ele não havia compreendido a proposta, e dessa forma o professor/bibliotecário não poderão levar adiante tal prática, sem que essa esteja perfeitamente clara para o aluno, essa proposta não deve se eximir de um significado real para esse aluno.

Decerto a estratégia criativa poderá ocorrer exatamente através da semiótica, essa o ajudará a entender o ambiente que os envolve no pré-processo biblioterápico, pois através das múltiplas abordagens e linguagens, esse educando adentrará nesse universo, quebrando as barreiras que o impede de ser tratado pela biblioterapeutização.

Segundo Nöth (2003, p.5), a palavra semiótica tem sua origem na expressão grega “sêmeion”, que quer dizer “signo”, e “sêma”, traduzido por “sinal” ou “signo”. Assim, os múltiplos signos linguísticos, apresentados em diferentes faces dentro das práticas biblioterápicas, propiciará a esse aluno uma compreensão maior, dando abertura para que os efeitos catárticos ocorram a contento, e essa demanda seguirá para além da sala de aula ou oficinas para esse fim, pois os ganhos não serão apenas nas questões socioemocionais, mas também nas múltiplas aprendizagens.

Além de leitura na biblioteca, pode-se organizar pequenas peças de teatro, ou esquetes, que segundo Granero (2011, p.13), pode:

Despertar os alunos para a observação de si mesmo e do outro, incita-os a aprofundar-se em suas próprias histórias de vida e a desenvolver a capacidade de expressar seus sentimentos de forma positiva, com respeito e colaboração.

A semiótica entraria aqui como uma ferramenta criativa, onde esse aluno iria perceber previamente o texto de maneira diferenciada antes da leitura, proporcionando o despertar por essa, que por sua vez, supostamente já terá caído no gosto do aluno, instigando-o a se aprofundar nela.

As outras duas etapas a seguir demonstram que a aprendizagem significativa ocorra de fato, ainda de acordo com Santos (2013, p.73), é preciso:

1-Discutir: nesse passo o aluno deve formular uma cadeia de raciocínio pela argumentação.

2-Levar para a vida: o sétimo e último passo da (re) construção do conhecimento é a transformação. O fim último da aprendizagem significativa é a intervenção na realidade. Sem esse, qualquer aprendizagem é inócua.

Conforme o mencionado anteriormente, essas últimas etapas também podem ser vinculadas com a BNCC, pois as habilidades requerem que os alunos desenvolvam e saibam resolver problemas através dessas, e o que fazer com um determinado objeto do conhecimento torne-se o objetivo maior, e em uma sequência metodológica biblioterápica, requeira que os educandos sejam capazes de resolver situações diversas, como as de cunho emocional, dentre outras.

A etapa da construção do conhecimento, permite autonomia e protagonismo dos educandos, é onde eles poderão encontrar diferentes possibilidades e o desenvolvimento de habilidades que os auxiliarão em suas tomadas de decisões e resoluções de problemas de forma estratégica. As etapas se encaixam perfeitamente com as habilidades, desde que sejam conduzidas de maneira precisa pelo professor/bibliotecário, inclusive essa, é uma das habilidades do século 21, onde esses alunos deverão construir seus próprios conhecimentos a partir dos subsídios que lhes são oferecidos, sem que com isso esse aluno permaneça aguardando passivamente o que os professores possam estar passando, mas sim fazer suas próprias descobertas.

Este processo de aprendizagem da leitura literária ou de ficção, por parte do aluno, criam gostos e necessidades, a chamada empatia literária, Ornellas e Alencar, (2015, p.8.), afirmam que: “a leitura literária aumenta a identificação da perspectiva do outro, ou seja, aumenta nossa empatia”. E ela se dá justamente ao gerar análise das situações emocionais, desse modo o aluno seria mais assertivo na sua leitura, promovendo a catarse. Ainda com Caldin (2001, p.38) ele explica que:

A catarse pode ser entendida como pacificação, serenidade e alívio das emoções. É nessa perspectiva que se enfoca a leitura de textos literários como desempenhando uma função catártica.

Aqui de fato a purgação irá acontecer, se seguir os parâmetros anteriormente mencionados e temos a explicação das diretrizes do processo biblioterapêutico que segundo Ferreira (2003, p.43) é:

A capacitação profissional homogênea; a preparação do material de acordo com o perfil dos pacientes; utilização de materiais conhecidos pelo profissional; além de procurar evitar materiais que causem constrangimento

ou deprimam o usuário, ou seja, deve proporcionar ao paciente um estado de empatia com relação ao material usado, buscando produzir valores positivos e o aumento de sua autoestima. Cada caso deve ser analisado, pois a seleção de um método, técnica ou material não vale como regra para todos.

Todo cuidado é pouco nesta seleção de materiais a serem utilizados em um processo biblioterápico, sendo assim, ao propor o projeto de biblioterapeutizar, e este buscar em sua gênese a inserção em um espaço supostamente doloroso para o aluno, no cerne emocional, é preciso critérios para que não se piore este estado de dor emocional, e a fabulosa expectativa de que o imaginário possa dialogar com a dor e que aspectos positivos e de esperança possam ser geridos nesse contexto, então realmente se deve buscar aferir que a literatura pode se fazer instrumento de estímulo à criatividade das crianças e dos jovens, além de incentivar o prazer pela leitura.

Por fim, entende-se a possibilidade de que por meio da leitura e sua inserção no mundo lúdico, a criança e o jovem possam utilizar essa experiência como algo favorável.

O texto que se sugere para aplicabilidade terapêutica da biblioterapia é o livro Malala: a menina que queria ir para a escola, da escritora Adriana Carranca, da editora Companhia das Letrinhas. O relato sobre a vida de Malala, que começa com uma ambientação do que era o país dela, um reinado, onde as mulheres tinham educação, o país tinha uma certa liberdade social e política, e a população teve seus direitos tirados, quando o Talibã invadiu e tomou o poder. Malala não pode mais frequentar as aulas, porque as mulheres foram impedidas, e então ela criou um blog clandestino, de onde conseguia falar o que estava acontecendo em seu país. A estudante quase foi assassinada quando levou um tiro no rosto, e por milagre não pereceu. Levada para outro país ela se recuperou, não sem sequelas, mas sua luta contra o Talibã e contra a violência contra a mulher e a favor da educação teve voz quando ela recebeu o Prêmio Nobel da Paz em 2014.

Essa história de luta e superação, por direitos legítimos, desencadeou diversas discussões em sala de aula, quando o texto foi aplicado numa turma de oitavo ano, com alunos entre 13 e 14 anos, (idade próxima da de Malala quando foi atingida pelo tiro), a identificação foi imediata, os alunos trouxeram vieses, contextos e identificações, que foram surpreendentes, um aluno com TOD, (Transtorno Opositor Desafiador), que era um menino muito afrontoso, conseguiu colocar observações maduras, que antes da leitura não era possível, ele detectou no livro o contexto sobre o patriarcado, por exemplo. Outros alunos também falaram sobre a

intolerância religiosa, valorização da mulher da escola, e muitos outros assuntos. Foi uma catarse coletiva, mas com as individualidades de cada aluno presente e respeitada.

Ou seja, apesar de iniciar-se do coletivo, os resultados obtidos foram diferentes, pois nesse momento a personalização da atividade entrou em cena, onde foi considerado cada posicionamento peculiar do aluno, que por sua vez propuseram resoluções bem específicas e diferenciadas de cada colega, eles conseguiram extrair o máximo que aquela leitura pode lhes proporcionar, foi emocionante perceber o quão profundo eles adentraram nesse universo literário, e o melhor de tudo foram os efeitos benéficos que essa leitura pode lhes proporcionar.

Cada aluno teve percepções diferentes de cada página do livro de Malala, apresentando vídeos, textos, e diversas observações diferentes. Foi incrível esse trabalho biblioterápico, atestando que uma seleção estratégica de leitura, atreladas a uma prática criativa, trazem ganhos significativos em todos os âmbitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Biblioterapeutizar, estrategiar para se obter resultados catárticos, é necessário todo um decurso preparatório, que nasce desde as coletas, escolhas, impressões, aptidões, abordagens semióticas, por parte dos professores com auxílio dos bibliotecários, objetivando que se descubra qual gênero literário agrada mais estes adolescentes, ou não, pois ao alcançar a empatia literária, consegue-se que se atenuem os sintomas de ansiedade que os assolam por meio das literaturas previamente preparadas para que se alcance os objetivos esperados, onde esses se darão durante as seções biblioterápicas durante as aulas ou em oficinas preparadas especificamente para tal.

Espera-se que com essas parametrizações, se consiga alcançar e ajudar de alguma maneira esses estudantes com possíveis problemas socioemocionais, e em específico a ansiedade, bem como despertar o interesse pela leitura e extrair dessa o máximo que proporcione bem estar, capacidade leitora e resolução de problemas, as etapas aqui apresentadas em conformidade com as habilidades da BNCC, poderão proporcionar soluções impressionantes para esse educando, atestando que a biblioterapia é de fato eficaz e necessária a sala de aula, desde que se adote *expertises* bem elaboradas que se envolvam os alunos na aura catártica, e que de fato tenha efeitos favoráveis e salutares para todos que dela possam usufruir.

O corpus literário e os aportes teóricos aqui apresentados, demonstram que é possível sim, desenvolver esses procedimentos biblioterapêuticos, objetivando proporcionar suavidade e abrandamento de situações emocionais, como ativar vorazes leitores por meio dela.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIBLIOTERAPIA: o poder curativo dos livros. *A mente maravilhosa*, 2018. Disponível em: < <https://amenteemaravilhosa.com.br/biblioterapia/>> Acesso em: 11, nov. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.

CALDIN, Clarice Fortkamp. *A leitura como função terapêutica: biblioterapia*. Revista eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação. Florianópolis, v.6, n. 12, p. 32-44. 2001. Disponível em: < <https://brapci.inf.br/index.php/res/v/34376>> Acesso em: 05, ago. 2021.

CARRANCA, Adriana. *Malala, a menina que queria ir para a escola*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2015. 96 p.

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2014. 139 p.

CURY, Augusto. *Ansiedade na adolescência: quais são os sintomas e como os familiares podem ajudar? Escola da inteligência*. 2020. Disponível em: <<https://escoladainteligencia.com.br/blog/ansiedade-na-adolescencia/>> Acesso em: 11, nov. 2021.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa*. 8. ed. Curitiba: Positivo, 2012. 856 p.

FERREIRA, D. T. *Biblioterapia: Uma prática para o desenvolvimento pessoal*. Educação Temática Digital, São Paulo, v. 4, n. 2, p. 35-47, jun. 2003. Disponível em: <<http://www.bibli.fae.unicamp.br>>. Acesso em: 26, dez. 2021.

GRANERO, Vic Vieira. *Como usar o teatro na sala de aula*. São Paulo: Contexto, 2011.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. São Paulo: Ed. 34, 1999. 2 v.

KINNEY, Jeff. *Diário de um banana*. 31. Ed. São Paulo: Rocco, 2008. V. 1

MELO, Elizabete Serafim de. *Nas asas da criatividade*. Curitiba: Appris, 2021. 67p.

NÖTH, W. *Panorama da Semiótica: de Platão a Peirce*. São Paulo: Annablume, 2003.

OUAKNIN, Marc-Alain. *Biblioterapia*. São Paulo: Loyola, 1996.

ORNELLAS, Adriana Silva; ALENCAR, Patrícia Vargas. *A relação entre a empatia e a prática da leitura literária e sua influência para o bibliotecário de referência*. In: Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação, 16. Anais... João Pessoa: ENANCID, 2015.

Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/index.php/enancib2015/enancib2015/paper/viewFile/2892/1059>> Acesso em: 09, dez. 2021.

RATTON, Ângela Maria Lima. *Biblioterapia*. Revista da Escola de Biblioteconomia da UFMG. Belo Horizonte, v.4, n.2, 1975. p. 198-214. Disponível em: <<https://www.brapci.inf.br/index.php/article/download/16049>> Acesso em: 05, ago. 2021

RIBEIRO, Natasha Coutinho Revoredo; LÜCK, Esther Hermes. *Biblioterapia: a leitura como adjuvante na manutenção da saúde mental em tempos de COVID-19*. REBECIN, São Paulo, v.7, número especial, 2020, p. 24-53. Disponível em: <<https://portal.abecin.org.br/rebecin/article/view/185/198>> Acesso em: 05, ago. 2021

RODRÍGUEZ. Emma. Leer nos hace más felices. *El país semanal*. 25 jan. 2016. Disponível em: <https://elpais.com/elpais/2016/01/22/eps/1453483676_726569.html> Acesso em: 05, nov. 2021.

ROWLING. J. K. *Harry Potter e a pedra filosofal*. 31. ed. São Paulo: Rocco, 2000.

SANTOS, Júlio César Furtado dos. *Aprendizagem significativa: modalidades de aprendizagem e o papel do professor*. 5.ed. Porto Alegre: Editora Mediação, 2013. 93 p.

VALÊNCIA, Maria Cristina Palhares; MAGALHÃES, Michelle Cristina. Biblioterapia: síntese das modalidades terapêuticas utilizadas pelo profissional. *Biblos - Revista do Instituto de Ciências Humanas e da Informação*, v. 29, n.1, 2015. p. 5-27. Disponível em: <<file:///C:/Users/claudia.regina/Downloads/4585-Texto%20do%20artigo-15982-1-10-20160223.pdf>> Acesso em: 06, ago.2021.

ZIRALDO. *25 anos do menino maluquinho*. São Paulo: Globinho, 2020.112 p